

Vendas caem; indústrias sem pedidos

A recessão na economia é hoje indissfarçável, sucedendo-se os diagnósticos, críticas e procura de soluções de todos os setores da sociedade, passando por empresários, sindicatos, partidos políticos e outras entidades. O comércio está cancelando os pedidos às indústrias, o desemprego cresce dia-a-dia, é gran-

de o número de concordatas e falências, a população perde poder aquisitivo e há crise de liquidez no sistema financeiro.

Esse quadro sombrio é traçado pelo senador Albano Franco, presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI). A situação seria

muito pior — acrescenta — não fosse a existência do “gatilho”, que repõe parcialmente as perdas salariais. Albano Franco também diverge da estratégia do ministro Bresser Pereira, de elevar mais os impostos. A promessa do governo, para enfrentar a crise, é aumentar os investimentos

públicos. Ao mesmo tempo, o governo acena com novos aumentos das tarifas públicas, que deverão sufocar ainda mais as empresas, principalmente as pequenas e médias, às voltas com endividamento e sem possibilidades de investir. Empresas tradicionais estão fechando as portas ou recorrendo a demissões de em-

pregados. As perspectivas são de que a situação poderá até piorar. A Nardini, uma empresa de máquinas-ferramentas, já reduziu os funcionários em 10%.

O medo imposto pela recessão também está imprimindo outro comportamento aos sindicatos, que se preocu-

pam em não aumentar o contingente de 1,7 milhão de desempregados apontado pelo IBGE. Em São Paulo, o Dieese mostra o desemprego de 7,6% dos trabalhadores em fevereiro, aumentando para 8,5% em março e 8,9% em abril, abrangendo 700 mil pessoas.